

A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO NA COMPOSIÇÃO DE CORES DAS HABITAÇÕES MODERNISTAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: O encontro tardio de uma sociedade como o Moderno

LINS R. BARBOSA, BIANCA TEREZA (1); SOARES PFLUEGER, GRETE (2)

1. Doutoranda em Teoria e Prática do Projeto pela ULisboa
Rua das Cegonhas, n. 04 Caolho Olho d'Água – São Luís MA CEP 65065-100
biancatereza@live.com

2. Professora Doutora pela UEMA, Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Rua Miragem do Sol, Jardim Renascença – São Luís CEP 65075-770
gretepfl@gmail.com

RESUMO

A função da composição de cores aplicadas nas habitações modernistas na cidade de São Luís no Maranhão durante o período de 1960 a 1985 traduziram a ansiedade de remodelação para uma cidade com grandes potencialidades econômicas, porém com pouco espaço para o desenvolvimento. O presente artigo busca observar a resposta da sociedade sobre as mudanças que ocorreram no período de 25 anos e compreender a relação existente entre a visão desses moradores e a importância simbólica da composição de cores nessas habitações da cidade. Para isso, os objetos analisados são três habitações de relevância no cenário arquitetônico local, duas delas localizadas no bairro do João Paulo e uma no bairro da Beira Mar, por trabalharem com elementos *sui generis* na composição do acervo arquitetônico modernista e por ilustrarem esse momento da cidade – com base em princípios da psicologia do ambiente e da fenomenologia do espaço aplicados aos conceitos explanados de um modernismo tardio. O objetivo do artigo é levar a reflexão sobre a importância da preservação do acervo moderno de São Luís que está descaracterizado com base em autores como Segawa, Zevi, Pernão, Love & Grimley, Bachelard e Barracho.

Palavras-chave: cor, arquitetura moderna, percepção do ambiente

1. INTRODUÇÃO

O território brasileiro recebeu a arquitetura moderna desenvolvendo as suas diversas nuances logo no início do século XX, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, renovando não apenas o próprio cenário nacional, mas também remodelando de maneira peculiar do modernismo arquitetônico.

Nesse contexto, o arquiteto Lúcio Costa organizou, durante o período em que foi diretor do curso da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, uma série de intervenções na metodologia do sistema educacional brasileiro, convidando personagens inovadores, conduzindo uma quebra de tabus sem precedentes no processo criativo arquitetônico brasileiro.

Em paralelo às imensuráveis quebras de paradigmas no método construtivo da época, inúmeros processos de remodelações foram introduzidos na malha urbana dos grandes centros brasileiros (Rio de Janeiro e São Paulo), objetivando a remodelação da cidade, transformando, alargando e adaptações nas vias, melhorias no saneamento, melhoria das circulações, quebrando sérios problemas endêmicos, de adensamento populacional, trabalhando com estudos que estavam sendo implantados pelo urbanismo moderno europeu.

O modernismo se expandiu tardiamente nas capitais do norte, nordeste e sul ganhando facetas regionais, com modelos arquitetônicos peculiares, maior variedade e diversidade, como menciona *Segawa*¹ (1999), impulsionadas principalmente por construções governamentais que gostariam de implantar construções modernistas que pontuassem o desenvolvimento estimulado pelo contexto político do momento: novas sedes dos Correios, INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), Companhia de Seguros da SULACAP, dentre outros órgãos públicos.

¹ Autor Brasileiro, professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, notadamente um pesquisador sobre o modernismo brasileiro.

As peculiaridades das construções públicas refletiram diretamente no processo das residências do período, contrastando a pluralidade da tradução da linguagem modernista e também na formalização da sociedade brasileira sobre o novo status da arquitetura moderna. A estrutura estética do modernismo agradou não apenas o estilo de vida do brasileiro (sendo costumeiramente adaptado as nuances locais), mas também a percepção desse usuário dentro desse novo ambiente.

A possibilidade de criar com esse novo estilo arquitetônico, vinculando as características específicas do local - dando um valor nacionalista às construções - e consequentemente criando não apenas um vínculo “contemporâneo” na produção arquitetônica do período como também na ocupação artística, na liberdade de produção e no sentimento de apropriação cultural da arquitetura moderna.

A experiência dos usuários vai além dos conceitos vindos pelo uso dos elementos construtivos modernistas, *Barracho*² (2001), onde a própria intencionalidade permite a interpretação de como recebemos o mundo real, pela significação do comportamento das pessoas do período com o conjunto “dos atos particulares efetuador pelos indivíduos” (*Barracho, 2001*). O espaço vivenciado se faz peculiar diante de todo o contexto desenvolvido em cada recorte temporal e em cada contextualização dos usuários do período.

Um ponto importantíssimo na percepção do usuário perante a experiência nos interiores residenciais é o uso da cor, ponderando o fenômeno físico com a própria fenomenologia dentro do espaço vivido, onde “a cor é um fenômeno físico, e a variedade de cores é muito superior àquela que o olho humano consegue perceber”. A organização desse processo da cor nas tendências do período modernistas também reflete não apenas a adequação ao contexto internacional, mas também sobre o trabalho a adição dos aspectos regionalistas na composição dos interiores residenciais do período.

O presente artigo irá desenvolver uma análise sobre os interiores residenciais de três habitações modernistas do período de 1960 a 1985 que tiveram representatividade em suas peculiaridades, o trabalho desenvolvido nos interiores do projeto arquitetônico do período, a

² Psicólogo, escritor e professor português, atua no Instituto Piaget de Almada onde coordena a licenciatura e a Unidade de Investigação de Psicologia.

organização da fachada e em especial a composição de cores utilizadas pela sociedade de São Luís, justificando a mescla dos tons que eram tendência do modernismo do período como também do trabalho proposto pelas veias regionalistas e enraizadas culturalmente.

É importante ressaltar o trabalho desenvolvido pelos arquitetos Cleon Furtado, Braga Diniz e Candido Ribeiro durante o período estudado, além da valorização do trabalho de profissionais locais em disseminar o trabalho do modernismo brasileiro, com suas nuances peculiares ao longo do seu território, acrescentando na pluralidade desse movimento.

A utilização dos usuários do recorte temporal em questão é o principal motivador desse artigo, considerando, portanto, a utilização das cores nos interiores dessas habitações modernistas como referência da percepção do usuário dentro desse espaço na experiência ativa do sujeito no espaço espacializante (*Merleau-Ponty, 1945*). Demonstrando não apenas a experiência dos moradores do período, mas também a importância fenomenológica do processo de utilização das cores no desenvolvimento construtivo dos interiores residenciais do estudo.

2. AS HABITAÇÕES MODERNISTAS EM SÃO LUÍS

A cidade de São Luís até meados de 1930 ainda obtinha o traçado urbano colonial português planejado por Frias de Mesquita desde a data de sua fundação em 1618, limitando o crescimento da cidade, que se fundamentava apenas ao núcleo central, com poucas alterações em suas vias estreitas, sem infraestrutura organizada e um conjunto arquitetônico defasado (sem condições hidro-sanitárias de habitação).

Dessa forma, em meados de 1940 o interventor do estado do Maranhão, Paulo Ramos³, proporcionou inúmeras atualizações, conduzindo inúmeras melhorias na estrutura da cidade, incentivando o crescimento econômico da capital do estado, denominado “*Plano de Remodelação de São Luís*”.

Esse plano se preocupou em adequar as estradas e do sistema ferroviário do estado, bem como a instalação de melhorias nos locais públicos, a expansão do tecido urbano da cidade,

³ Entre 1930 e 1945 o Brasil passou por um período denominado Era Vargas, onde Getúlio Vargas governou continuamente, implantando inúmeras alterações no país tanto social quanto economicamente.

a ampliação das vias do centro de São Luís, estimulando o uso de automóveis e ônibus (Feitosa; Plueger, 2007) e principalmente instalando o esgotamento e melhorando as condições higienistas das construções.

As construções do período eram em sua maioria um reflexo do que estava sendo produzido no contexto internacional, seguindo principalmente as influências ecléticas e art deco, e em *posteriore* as construções modernistas, modificando toda conjuntura das construções existentes em São Luís.

O uso de linhas retas, platibandas secas, habitações multifamiliares e construções de uso misto eram elementos inovadores até então, sem contar que elementos típicos do ecletismo europeu e predominavam nas residências mais abastadas do período, além do que, conseqüentemente essas vertentes arquitetônicas ganharam moldes bem regionais nas cidades implantadas, como o estilo **Marajoara**⁴.

Já na década de 1950 o modernismo se figurou na mescla da expansão inicialmente proporcionada pelos planos governamentais de moradia e habitação social, além dos investimentos regionais decorrentes do aumento da movimentação da economia (exportações e importações) do Estado.

Com a implantação das rodovias interestaduais e a abertura das fronteiras agrícolas a capital surgiu com o prolongamento da cidade do Centro-Anil, criando novos bairros como Liberdade, Apeadouro, João Paulo, Monte Castelo, Jordoa e Sacavém além de conjuntos habitacionais como as *Cooperativas* (Cohab). A implantação desses novos bairros, afastados do centro, além da criação de temporários vazios urbanos, também estimulou a expansão da infraestrutura dos serviços de abastecimento e saneamento ao longo da cidade (Moraes, 1989).

⁴ Estilo Marajoara advém da arte desenvolvida pelos habitantes da ilha de Marajó, no estado do Pará, derivando para a arquitetura eclética e moderna no Brasil com traçados e tipologia arquitetônica específica.



Eixo de Expansão da cidade de São Luís. Fonte: Burnett, 2008

A própria estrutura da construção civil até meados da década de 1970-1980 foi vastamente ampliada para uma melhoria do material que se era utilizado e uma preocupação maior com o primor estético desenvolvido nos bairros de maior destaque social, em especial os com maior apuro socioeconômico organizando e estimulando também os arquitetos locais em proporcionarem inovações na experiência do habitar.

Nesse período, arquitetos como Cleon Furtado e Braga Diniz conseguiram desenvolver a arquitetura moderna em São Luís com todos os elementos e características específicas do trabalho modernista que se difundia internacionalmente, e também introduziram elementos construtivos e pequenos detalhes regionalistas em suas produção residencial, aplicando revestimentos que remetiam às origens coloniais portuguesas em suas fachadas, pequenos adornos e materiais específicos da região norte do país, estimulando com mescla dos princípios de Mies Van der Rohe (refletindo o “*less is more*”).

As produções desses arquitetos modernistas estão espalhadas em vários bairros da cidade, um trabalho até então inovador inserido no tecido urbano histórico, conversando com a produção do século XIX, atuando também na expressão da nova racionalidade e com

importantes referências da arquitetura vernácula, reproduzindo os elementos e técnicas construtivas das residências da classe média do período.

3. SOBRE A COR NA HABITAÇÃO MODERNA

A importância do uso das cores vai além na constituição do projeto arquitetônico, como também engloba todo o conjunto proporcionado pela percepção do usuário no ambiente dos interiores residenciais. Como elemento compositivo essencial, a aplicação e a mistura das cores expande a complexidade das suas percepções, aprendendo a explorar as características que chamam a atenção da construção.

“[...] Os efeitos subjetivos das cores: o contraste das cores complementares, a ilusão visual das imagens persistentes e as sombras contrastantes vistas na luz colorida [...] associaram as cores com as emoções – referindo-se a certas cores como quentes e, a outras, como frias.”

(Grimley, Love, 2007)

A relevância da teorização das cores foi potencializada durante o século XX, difundindo o trabalho de pesquisa em escolas especializadas como a *Bauhaus*, que identificaram sete regras de contraste, formalizando, de maneira científica esses efeitos subjetivos, apontando setores como combinação, proporção e harmonia. Esse momento é importante para que haja o primeiro contato com as significações da cor no ambiente, principalmente no que se era aplicado durante o próprio período modernista e, portanto, se justificando a aplicação desses tons nos interiores residenciais.

A paleta de cores utilizadas durante o século XX, em especial no que se consolidou como o modernismo (no meio artístico, arquitetônico e do design – em destaque os materiais e texturas utilizadas nos interiores residenciais do período) apontando de certa forma o início dos reflexos da globalização, além dos gostos e criação de tendências dos fabricantes de tinta e dos arquitetos e especificadores, como também da imposição do *contexto militar*, dos construtores e das justificativas técnicas dos engenheiros, que se interessavam delimitar as cores por codificação (Mc Cloud, 2003) o que foi bastante utilizado pela decoração dos interiores durante boa parte do modernismo, incluindo muitos tons e sombras acolhedoras.

A partir da década de 1950, as cores que estampam os projetos dos interiores e das fachadas arquitetônicas advêm de um esquema mais suave e sutil, mesmo trabalhando com tons mais vistosos e intensos, ligeiramente sombreado e sendo constantemente suavizados pelo acinzentado. Utiliza-se dois tons de amarelo e verde-sujo.

Esquema Cromático do início do século XX



Esquema Cromático de metade do século XX



Esquemas cromáticos do século XX –Mc Cloud, 2003. Fonte: Autor, 2017

Um ponto bem importante desse período (até meados da década de 1970-1980) é a matização dos tons com o castanho, representando a aplicação ao mobiliário, texturas, pinturas, acabamentos e revestimentos do período com a postura austera, mas surpreendendo por reproduzir uma visão, principalmente de um mobiliário mais acessível. Se conjuga nesse período tons de rosa e bronze reproduzindo essa paleta e pequenas variações até meados do final dos anos 1980.

O usuário das residências modernistas conseguiu refletir diretamente diferentes sentimentos e características – como amor, cansaço, tristeza, elegância, austeridade, vinculando também sentimentos do que pode ser considerado moderno ou antiquado – ao trabalho de composição de cores utilizadas.

4. PERCEPÇÃO DO USUÁRIO

No objeto de estudo do presente artigo, as três residências foram projetos desenvolvidos pelos arquitetos maranhenses Cleon Furtado e Braga Diniz, onde são analisados as composições de cores e texturas aplicadas aos materiais das fachadas e da organização

interna dessas residências no recorte temporal de 1960 a 1985 pela percepção dos usuários desse período, dialogando principalmente sobre a importância da experiência dentro do ambiente estudado, analisando o perfil desses usuários e os elementos compositivos que as cores representavam nessas habitações.

Se destaca aqui a importância da cor na percepção psicossociais do ambiente, a reação dos espaços pessoais, dimensionando a esfera fenomenológica (*Barracho, 2001*) confrontando também toda a experiência do indivíduo dentro do espaço dimensionado e proporcionada pelo trabalho compositivo da construção pelo projeto arquitetônico.

“[...] cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Com o auxílio do simbolismo psicológico e da tradição histórica [...]”

(*Heller, 2014*)

É importante ressaltar que a composição dos acordes cromáticos deposita diferentes reações nos efeitos psicossociais, determinando diferentes efeitos de acordo com as organizações que serão organizadas. A aplicação de regras de contraste aos espaços internos apresenta ao sistema de ITTEN (*Grimley, Love, 2007*) promove também diferentes reações. O apego ao lugar, tanto em dimensões funcionais quanto simbólicas posicionam a relação dos objetos e das reações cromáticas aos sentimentos assim vinculados pelos usuários.

4.1. PERFIL DOS USUÁRIOS

O morador das habitações modernistas em São Luís eram famílias de classe média que alcançaram não apenas visibilidade socioeconômica na capital do estado maranhense, como também desejavam almejar uma posição de destaque cultural, se apresentando para a sociedade como uma família de vanguarda e que possuía instrução de referências internacionais por propagar e estimular o trabalho da arquitetura modernista.

Geralmente com descendência de famílias aristocratas que já faziam parte do cenário político-econômico regional e gostariam de demonstrar em suas residências as referências de uma educação moderna.

Exatamente nessa permissão em atravessar as barreiras do comodismo eclético do período, os arquitetos conseguiram desenvolver elementos até então totalmente inovadores ao cenário arquitetônico da cidade, além de adicionarem características regionais, como o uso de avarandados, esquadrias em madeira, revestimentos de pedras naturais da região, uso de plantas e meios paisagísticos característicos, pontuando assim uma produção arquitetônica modernista realmente única, agregando a produção plural do modernismo brasileiro.

As duas primeiras habitações analisadas, resididas pelas famílias Abreu e Castro a partir da década de 1950 até meados do final da década de 1980, proporcionavam exatamente a representatividade não apenas na fachada dessas residências, mas também na composição dos interiores residenciais desenvolvidos no projeto arquitetônico como um reflexo da prosperidade que o modernismo representava, e também a austeridade da nova camada elitista que ascendia. Tal representatividade se fundamenta no *behaviorismo*, onde o indivíduo se torna maleável de acordo com o comportamento em função dos estímulos que agem sobre ele, principalmente onde se fundamenta que a “sociedade é a projeção no espaço da imagem que ela faz de si mesma” (*Barracho, 2001*).

Tais residências localizadas no bairro do João Paulo –bairro que se interligava ao eixo de expansão da cidade, formalizando a nova sociedade que se instalava no contexto histórico do modernismo, simbolizava também que as famílias se estruturavam economicamente acima dos demais, principalmente por se localizarem na praça Duque de Caxias, no alto do bairro.



Residência 01, da Família Abreu – São Luís. Fonte: Autor, 2017.

A posição privilegiada e a oportunidade de representar todas as formulações de austeridade, modernidade, atualização cultural e vanguarda em suas moradias, foi possível organizar e pontuar inúmeros elementos e nuances de cores que representam essas características dos usuários.

A última residência analisada, possui um perfil diferenciado, pois o usuário em questão foi o próprio arquiteto. Cleon Furtado soube traduzir as expectativas reproduzidas pelo cenário internacional, com uma paleta cromática correspondente ao que era ampliado pelo período, mas também adicionou texturas e bossa regional nos interiores de sua residência.



Residência do arquiteto Cleon Furtado 1958 – São Luís. Fonte: Autor, 2017.

Outra peculiaridade do perfil desse usuário, foi a escolha da localização da habitação na Avenida Beira Mar, número 530. Essa avenida circunda o centro histórico e original da cidade, implantando assim, uma edificação puramente modernista no tecido urbano colonial, bem próximo à pontos arquitetônicos de relevância como o Palácio dos Leões e a Igreja da Sé.

4.2. A COR NAS RESIDÊNCIAS

As cores em destaque trabalhadas nas residências seguem a mesma proposta do contexto internacional do modernismo que se difundia no período analisado pelo artigo. Se destaca principalmente os sub-tons mais abertos, a escolha por materiais e uso de elementos mais regionais do mobiliário.

Os usuários das residências 01 e 02 (localizadas no bairro do João Paulo) reproduziram muito mais aspectos abertos e neutros, com o uso também de mobiliário de madeira natural (bastante comum entre a classe média do norte-nordeste do Brasil durante 1960 a 1985) e consideraram maior a interação com o meio externo, além do uso das esquadrias como elementos compositivos ativos na arquitetura de interiores.

Esquema Cromático das Residências 01 e 02



Esquemas cromáticos das Residências 01 e 02– com base em Mc Cloud, 2003. Fonte:
 Autor, 2017

As famílias que residiram nas habitações analisadas, descreveram sobre as cores, pontuando assim sobre como era a experiência do habitar nesses espaços internos. Os Castro e Abreu traduziram as tendências de cores como título de elegância e austeridade.

Dados cadastrais do espaço interno e croquis desenvolvidos pelo autor reproduzem o que se foi descrito por entrevistas com os moradores do período – acervo fotográfico não pode ser recuperado para fins de confirmação do processo desenvolvido pelo artigo.

Já a paleta de cores utilizada na terceira residência analisada, representa também a tons semelhantes da mesma maneira, mas ponderando também tons mais escuros, uso de materiais (pisos, revestimentos, escolha da pintura e dos tons dos mobiliários) com opções mais aconchegantes e com variação de vermelhos, cinzas, pretos e tons terrosos com base em bronze. O arquiteto ainda reside no local e mantém o espaço interno com pouquíssimas alterações.

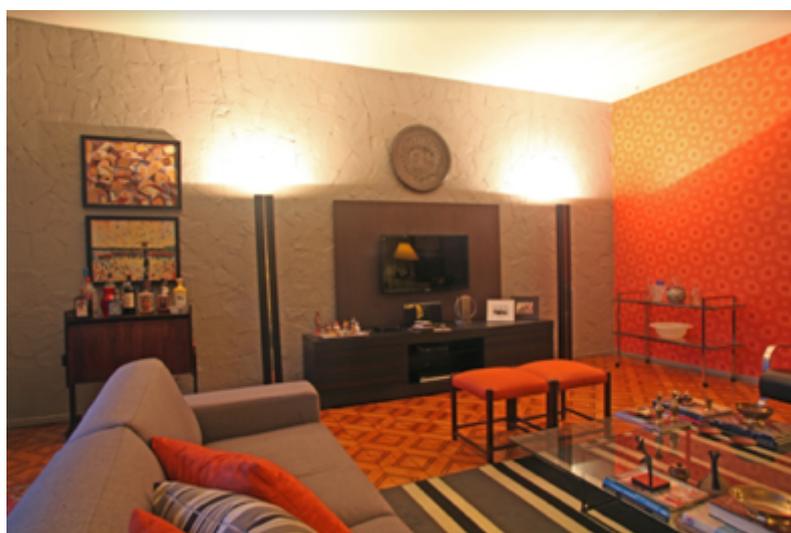
Esquema Cromático da Residência 03 – Cleon Furtado



Esquemas cromáticos das Residências 03– com base em Mc Cloud, 2003. Fonte: Autor,
 2017

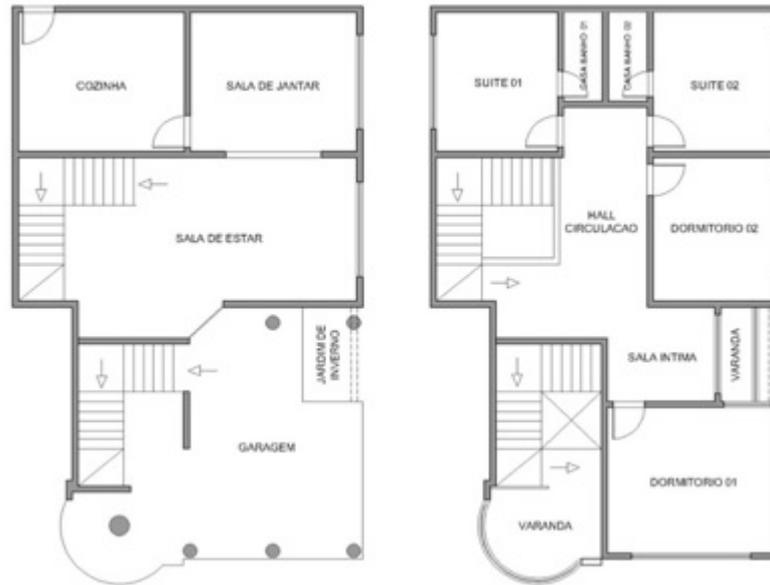


Sala de Estar da residência do arquiteto Cleon Furtado – São Luís. Fonte: Marcio Vasconcelos, 2015.



Sala de Estar da residência do arquiteto Cleon Furtado – São Luís. Fonte: Marcio

Vasconcelos, 2015.



Planta Baixa da Residência 01, da Família Abreu – São Luís. Fonte: Autor, 2017.



Planta Baixa da Residência 02, da família Armando Castro – São Luís. Fonte: Autor, 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil dos moradores das habitações modernistas analisadas ilustra de maneira bem fundamentada um reflexo de autoafirmação e desejo de atualização e vanguarda que a pretensa (e até então pequena) classe média brasileira, em especial as famílias que ainda formulavam sua origem com perfil tradicional nordestino e de origem rural aristocrática em se rotular como “modernas”.

Para além do próprio destaque cultural, do uso e aplicação de cores que desenvolviam um íntimo relacionamento entre o que se produzia no cenário internacional entre o período de 1960 a 1985 e também a aplicação de incríveis detalhes nos materiais, acabamentos e mobiliário de maneira mais regional - como o uso de tons específicos de madeiras e pedras que se extraíam apenas localmente - o presente artigo afirma por meio de esquemas cromáticos a experiência do usuário.

O artigo conseguiu apontar também, que a relação entre a experiência fenomenológica e a posição da percepção social juntamente com as *relações espaço x usuário*, afirmou sentimentos como austeridade, elegância e auto afirmação principalmente pelo uso de uma paleta cromática representativa e também muito dimensionada nas proporções dos trabalhos compositivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Otília. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo Edusp, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARRACHO, Carlos. **Psicologia Social: Ambiente e Espaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CAVALCANTI, S.; ELALI, G. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011
- Cidades Históricas: inventário e pesquisa**: São Luís: IPHAN, 2006.
- CHOY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Liberdade; UNESP, 2001.
- CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- GRIMLEY, Chris; LOVE, Mimi. **Cor, Espaço e Estilo**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.
- GULLAR, Ferreira. **Cidades Inventadas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- FILHO VIEIRA, Domingos. **Breve História das Ruas de São Luís, Maranhão**, 1962.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JALES, Antônio Wagner Lopes. **Os impactos urbanos de uma intervenção viária**. Avaliação da implantação da Via Expressa em São Luís usando a Sintaxe Espacial. São Paulo: Arqtextos, ano 15, n. 171.02, Vitruvius, agosto 2014. <
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read//arqtextos//15.171/5289>> (acesso em 25 de agosto de 2018)

PERNÃO, João Nuno. **A cor como forma do espaço definido no tempo**: Princípios Estéticos e Metodológicos para o estudo de aplicação da cor em arquitetura e nas artes. Lisboa, 2012.

RIBEIRO, Luciano Silva. **Cultura de Cor: Reflexões sobre a cor na cultura portuguesa**. Coimbra, 2009.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís: EDUFMA, 2000.

LIMA, Carlos. **Caminhos de São Luís (ruas, logradouros e prédios históricos)**. Editora Siciliano – São Paulo, 2002.

LYNCH Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MC CLOUD, Kevin. **A escolha das cores**. Lisboa: Editora Estampa, 2004.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. 1 ed.: São Luís, Legenda, 1989.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1999.

ZEVI, Bruno. **A linguagem moderna da Arquitetura**. Lisboa: Dom Quixote, 1984.